



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA

MARIA YASMIN CORDEIRO DE OLIVERIA

**INSTRUMENTO GERADOR DE MAPAS AFETIVOS COM CRIANÇAS
DO BAIRRO ANTÔNIO JUSTA: O QUE ELAS TÊM A FALAR SOBRE O
TERRITÓRIO**

FORTALEZA

2022

MARIA YASMIN CORDEIRO DE OLIVEIRA

**INSTRUMENTO GERADOR DE MAPAS AFETIVOS COM CRIANÇAS
DO BAIRRO ANTÔNIO JUSTA: O QUE ELAS TÊM A FALAR SOBRE O
TERRITÓRIO**

Projeto de Monografia a ser apresentada
ao Curso de Psicologia do Departamento
de Psicologia Universidade Federal do
Ceará como parte dos requisitos para
obtenção do título de bacharel em
Psicologia

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Zulmira Áurea
Cruz Bomfim

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- O48i Oliveira, Maria Yasmin Cordeiro de.
Instrumento Gerador de Mapas Afetivos com crianças do bairro Antônio Justa : O que elas têm a falar sobre o território / Maria Yasmin Cordeiro de Oliveira. – 2023.
43 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Psicologia, Fortaleza, 2023.
Orientação: Profa. Dra. Zulmira Áurea Cruz Bomfim.
1. afetividade. 2. território. 3. vulnerabilidade. 4. desenvolvimento. I. Título.

CDD 150

MARIA YASMIN CORDEIRO DE OLIVEIRA

**INSTRUMENTO GERADOR DE MAPAS AFETIVOS COM CRIANÇAS
DO BAIRRO ANTÔNIO JUSTA: O QUE ELAS TÊM A FALAR SOBRE O
TERRITÓRIO**

Projeto de Monografia a ser apresentada
ao Curso de Psicologia do Departamento
de Psicologia Universidade Federal do
Ceará como parte dos requisitos para
obtenção do título de bacharel em
Psicologia

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Zulmira
Áurea Cruz Bomfim

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

—
Prof.^a Dr.^a Zulmira Áurea Cruz Bomfim (orientadora)

Universidade Federal do Ceará

—
Prof.^a Dr.^a Nara Maria Forte Diogo Rocha

Universidade Federal do Ceará

—
Esp. Andie de Castro Lima

Secretaria de Proteção Social, Justiça, Cidadania, Mulheres e Direitos
Humanos do Estado do Ceará

Às mulheres da minha vida, minha mãe e
minha vó, que me educaram e me
sustentaram para que eu pudesse
conseguir trilhar meu caminho. Ao meu
esposo que me ampara com seu cuidado e
carinho. Ao Locus que me ensinou. Ao
bairro Antônio Justa e ao Instituto Antônio

Justa que me deram a oportunidade e o espaço para aprender e aplicar meus conhecimentos.

AGRADECIMENTOS

Ao Locus por ter me acolhido enquanto membro e ter possibilitado um mergulho profundo na Psicologia Ambiental e Social que foram como guias durante o percurso na graduação que me trouxeram até aqui. Em especial à professora Zulmira por ter aceitado me orientar. À Andie que tanto me auxiliou, me orientou, me levou à campo, me acolheu, mesmo quando não sabia que fazia isso, me abraçou na alma e me fez rir. Ao Petrus e a Larissa pelo apoio e o laço de amizade que em meio ao cansaço e as dificuldades alegam meus dias.

Ao meu esposo que foi amparo, segurança e abraço para que eu conseguisse construir meu trabalho de forma leve.

À minha mãe e minha vó que são minhas bases da vida. Eu não teria conseguido se elas não tivessem construído meu alicerce.

Ao meu irmão que é meu laço familiar mais carinhoso e sincero. Àquele que olha para mim com confiança e me usa como exemplo para percorrer seus caminhos de estudo.

À minha tia Cíntia pela referência de ser a primeira da nossa família a concluir um curso de ensino superior, mesmo em meio a tantas dificuldades. Ela segue fazendo seu trabalho com carinho e responsabilidade, e isso me inspira.

À minha madrinha, Val, por me admirar e confiar no meu potencial. Ela é uma das pessoas que me encoraja, como se fosse uma dose extra de combustível para acreditar que continuar nesse caminho é o melhor para que eu atinja meus objetivos. Ela também que é exemplo de cuidado e carinho materno para mim.

Ao meu tio e padrinho, Marcelo, que é exemplo e referência de homem para mim.

“Nunca nada de grandioso no mundo foi
feito sem uma grande dose de paixão”
(Georg Wilhelm Friedrich Hegel)

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de descrever como é a relação de crianças do bairro Antônio Justa com o seu território. Ele tem a estratégia de destacar a potência dos afetos como categoria de análise dos processos de vulnerabilização que os moradores de um território vive e, a partir disso, discutir como o processo de desenvolvimento pode ser inserido dentro dessa discussão. Por isso, o estudo tem como base a Psicologia Ambiental Transacionalista, entendendo o ambiente na dinâmica dos espaços com quem o ocupa, além da Psicologia Social de base Sócio-Histórica que se aprofunda na temática da afetividade com Sawaia e, por fim, a teoria do desenvolvimento de Vygotsky, que o entende como um processo dialético do social com o particular. Para se atingir os objetivos, a pesquisa tem natureza qualitativa, pois busca-se atingir conteúdos subjetivos, usando o Instrumento Gerador de Mapas Afetivos de Bomfim como estratégia para a coleta de dados. A aplicação do instrumento foi adaptada, tendo em vista o público participante. Com isso, foram desenvolvidos dez encontros com as crianças que participam das atividades da biblioteca Sonho Azul no bairro Antônio Justa. Sete desses encontros abordaram os temas do instrumento, sendo eles as características sociodemográficas, o desenho, os significados e os sentimentos em relação ao desenho, os mapas cognitivos, as qualidades, a metáfora e a escala Likert. Os outros três encontros foram usados para integrar o grupo, finalizar as atividades e fazer uma troca de experiências intergeracional, levando uma moradora para falar sobre a história do bairro. Desse modo foi possível coletar os dados de maneira vivencial e responsável. Apesar da escala não ter sido aplicada com sucesso, é possível observar que os dados apontam para uma baixa Estima de Lugar das crianças com o bairro, pois a maioria não o significa, sendo o maior foco das representações e falas as casas e as relações familiares e de amizade.

Palavras-chave: Afetividade; Território; Vulnerabilidade; Desenvolvimento.

ABSTRACT

The present paper aims to describe the relationship between children from the Antônio Justa neighborhood within their territory. It has the strategy of highlighting the power of affections as a category for analyzing the processes of vulnerability experienced by residents of a territory and, based on that, discussing how the development process can be inserted within this discussion. Therefore, the study is based on Transactional Environmental Psychology, understanding the environment in the dynamics of the spaces with whom it occupies, in addition to Socio-Historical Social Psychology that deepens in the theme of affectivity with Sawaia (1999) and, finally, the Vygotsky's (2007) development theory who understands it as a dialectic process of the social with the particular. To achieve the objectives, this research has a qualitative approach, as it seeks to reach subjective contents, using The Affective Map Generator Instrument (BOMFIM, 2010) as a strategy for data collection. The application of the instrument was adapted, considering the participating public. As a result, 10 meetings were held with children who participate in activities at the Sonho Azul library in the Antônio Justa neighborhood. Seven of these meetings addressed the instrument's themes, namely the sociodemographic characteristics, the design, the meanings and feelings in relation to the design, the cognitive maps, the qualities, the metaphor and the Likert scale. The other three meetings were used to integrate the group, finalize the activities and make an intergenerational exchange of experiences, taking a resident to talk about the history of the neighborhood. Thus, it was possible to collect data in an experiential and responsible way. Despite the scale not having been successfully applied, it is possible to observe that the data point to a low Esteem for the Place of children with the neighborhood, as most do not mean it, with the greater focus of representations and speeches being on homes and family relationships and friendship.

Keywords: Affectivity. Territory. Vulnerability. Development.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	REFERENCIAL TEÓRICO	16
3	METODOLOGIA	21
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	28
4.1	CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA	28
4.2	DESENHOS E SIGNIFICADOS	30
4.3	SENTIMENTOS	33
4.4	QUALIDADES	36
4.5	METÁFORA	38
4.6	MAPAS COGNITIVOS	39
4.7	ESCALA	41
4.8	TROCA INTERGERACIONAL	41
5	CONCLUSÃO	42
	REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

Iniciei o curso de graduação de Psicologia na Universidade Federal do Ceará (UFC) no ano de 2018. No começo, me sentia só e ainda muito perdida. Era um universo novo e eu não encontrava um espaço no qual eu pudesse de fato me apropriar e, assim, me sentir pertencente ao curso e à universidade. Contudo, no ano de 2019 eu tive o primeiro contato com a Psicologia Ambiental e com a Prof.^a Dr.^a Zulmira Áurea Cruz Bomfim. Foi um contato que permitiu o meu encontro efetivo com a Psicologia, pois vi que era possível estudar uma perspectiva que me sensibilizava como estudante e como pessoa. Ou seja, eu poderia ser inteira ali. Daqui partiu meu desejo de ser membro do Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental (Locus) da UFC, o que se efetivou no ano de 2020.

A minha participação no Locus iniciou como bolsista de extensão do Programa Locus em 2020. Nesse período, as atividades tiveram que ser repensadas para o formato remoto por causa da pandemia ocasionada pela COVID-19. Assim, tendo em vista as necessidades do Instituto Antônio Justa (IAJ) do bairro Antônio em Maracanaú – CE, o laboratório articulou-se para colaborar com ações que visam diminuir os riscos causados por essa situação. O objetivo inicial foi desenhar um projeto que busque a garantia da segurança alimentar e higiênica além da promoção de informações que ajudasse a população no enfrentamento das dificuldades ocasionadas e intensificadas pela pandemia. Esse trabalho de ação da comunidade acadêmica para a comunidade externa é nomeado de *Inserção Social*, que é um critério de avaliação dos programas de pós-graduação (ANPPEP, 2019, p. 1).

Um dos projetos, intitulado “*Cuidar do outro é cuidar de nós: ação solidária de enfrentamento à COVID-19 na Colônia Antônio Justa*” foi escrito e aprovado pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Com a aprovação, por meio da chamada pública Apoio a Ações Emergenciais junto a Populações Vulneráveis, foi disponibilizado R\$25.000 para compra de itens de higiene pessoal, de limpeza e alimentos para 144 famílias do bairro. Os itens de limpeza, as máscaras e os folhetos informativos foram produzidos pela própria comunidade. Além disso, os alimentos

Comentado [yc1]: Citação "no prelo"

foram comprados no comércio local, com o intuito de fortalecer a renda da comunidade.

No ato da entrega dos itens às 144 famílias foram convidadas a preencher um formulário para o IAJ em parceria com o Locus obterem informações psicossociais, econômicas e sanitárias dos moradores. Com esses dados foi elaborada a pesquisa do projeto intitulado de: “Afetividade, Território e Políticas Públicas: Estima de Lugar de Usuários dos Centros de Referência em Assistência Social (CRAS) em Maracanaú – CE”. Esse projeto tabulou e sistematizou os dados, permitindo fazer um mapeamento das vulnerabilidades e potencialidades sociais desse grupo. Os dados revelavam informações pessoais dos moradores, como idade, de saúde, como comorbidades, socioeconômicas, como renda per capita, psicossociais, como qualidades do lugar e sanitárias, como acesso a água.

O bairro Antônio Justa foi ocupado inicialmente por pacientes isolados compulsoriamente para tratamento de hanseníase, ainda quando Maracanaú (CE) fazia parte do Município de Maranguape. Silva (2016) nos ajuda a compreender as lutas vivenciados pelos moradores do bairro desde a sua formação. Os familiares das pessoas internadas ocuparam o território como forma de indenização pelo tempo que eles passaram excluídos socialmente, o que foi apoiado pelo Morhan (Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase) e pela Associação de agricultores da Colônia Antônio Justa. No início a ocupação se deu por vinculação com esse movimento, mas depois aconteceu de modo desordenado e sem ligação com tal (SILVA, 2016).

Junto a esses dados e a 3ª fase da pesquisa citada, fica claro como as lutas que o bairro vivencia desde sua formação repercutem até hoje como forma de estigma, segregação e, conseqüentemente, produção de vulnerabilidade, pela falta ou pela fragilidade de políticas públicas, por exemplo. As respostas deixam evidenciadas uma situação de alta vulnerabilidade e baixa estima de lugar dos moradores com o bairro, pois como aponta Bomfim (2010) essa é uma categoria de análise que indica a implicação afetiva e a potência de ação da pessoa no território. Desse modo, essas informações evidenciam como a história e cultura de um lugar pode dizer muito sobre o modo como ele é enxergado e vivenciado.

Além dessas questões, durante a execução do projeto de pesquisa “Estima de Lugar e Representações Sociais de participantes da Política de Assistência Social no território da Colônia Antônio Justa em Maracanaú-CE” algumas mudanças foram executadas. Elas foram necessárias por causa da precarização das políticas de assistência social que gerou dificuldades de vinculação com a instituição. A partir disso, foi executada com crianças que participam das atividades da biblioteca Sonho Azul do bairro. Esse também é um projeto do IAJ.

Com essa atividade de iniciação científica, iniciou minha vinculação com esse público, o que somou muito com meus estudos sobre desenvolvimento de Vygotsky. Desse modo, com base em toda a história desse lugar e minha trajetória na universidade, este projeto tem como objetivo descrever como é a relação das crianças com esse território, utilizando o Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA). Ele busca facilitar a expressão dos afetos envolvidos na relação da pessoa com o bairro e possui nove componentes: desenho, significado, sentimentos, qualidades, metáfora, caminhos, engajamentos em grupos, escala de estima de lugar e perfil da amostra (BOMFIM, 2010). Para atingir esse objetivo, a pesquisa terá como base a Psicologia Ambiental transacionalista, a Psicologia social de base Sócio-histórica e a Teoria de desenvolvimento de Vygotsky.

A Psicologia Ambiental é uma disciplina que lida com o indivíduo em relação com seu ambiente. Ela tem uma abordagem holística de ver o indivíduo no seu contexto, sua relação com ele e as diversas nuances que podem surgir dali. Com essa perspectiva, é possível destacar que o espaço é constituído a partir do que imprimimos nele e do que eles imprimem em nós. (MOSER, 2005). A partir disso, podemos observar como um espaço pode denunciar várias questões políticas, sociais e psicológicas. Isso porque ele não é só um espaço físico construído. Nele há história, cultura, crenças etc. e como Bomfim (2010) aponta, conhecer os afetos que envolvem a relação do sujeito com o seu lugar também é um movimento ético e político, pois a implicação do sujeito com seu lugar mostrará como é sua ação nele, por exemplo.

A Psicologia Social estuda o comportamento social e como aponta Lane (1981) a influência histórico-social do comportamento se dá, primordialmente, pela aquisição da linguagem, pois é com ela que acontecem as trocas e os compartilhamentos sociais. Desse modo, aquilo que é aprendido pelo indivíduo é

determinado socialmente e é difícil pensar uma psicologia que não é social. Além disso, Vygotsky destaca que o desenvolvimento se dá a partir da relação entre as funções psicológicas superiores e as funções psicológicas elementares, ou seja, em um movimento dialético do social para o particular. Nesse sentido, conhecer os afetos das crianças sobre um lugar é também dar atenção ao seu processo de desenvolvimento, pois ele está se construindo nesse movimento.

Apoiada pela discussão de Vigotski, Heller, Espinosa e Sawaia sobre os afetos, destaco que essa não é uma categoria que dificulta o processo racional, mas que de forma junta e não separa, o guia e integra. Pois como Heller (1979) defende, sentir é estar implicado em algo. Desse modo, conhecer a relação das crianças com esse lugar é também avaliar politicamente o contexto social, cultural e econômico que permeia esse lugar.

A estrutura deste trabalho a partir daqui está dividida em desenvolvimento e conclusão. O desenvolvimento visa abarcar três tópicos: fundamentação teórica; metodologia e dados e discussão, enquanto a conclusão traz uma síntese da relação entre os dados e a fundamentação teórica proposta. A metodologia está composta pelos seguintes tópicos: Caracterização da amostra; Desenhos, significados e sentimentos; Qualidades; Mapas Cognitivos; Metáfora e Escala. Desse modo, pretende-se atingir os objetivos deste estudo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Tendo em vista a discussão que a Psicologia Ambiental traz, é crucial não apenas observar o espaço físico constituído, mas o espaço físico ocupado e o modo como se dá essa inter-relação, as formas como o indivíduo interage e reage ao ambiente – suas expectativas, medos, percepções (MOSER, 1998).

Paralelo a isso, para entender como o ambiente é significativo a quem o ocupa, é válido apontar que Vygotsky (2007) define desenvolvimento como um processo dialético. Desse modo, ele nega que o desenvolvimento seja linear, mas fluído e processual. Ele afirma:

Nosso conceito de desenvolvimento implica rejeição do ponto de vista comumente aceito de que o desenvolvimento cognitivo é o resultado de uma acumulação gradual de mudanças isoladas. Acreditamos que o desenvolvimento da criança é um processo dialético complexo caracterizado pela periodicidade, desigualdade no desenvolvimento de diferentes funções, metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma em outra, imbricamento de fatores internos e externos e processo adaptativos que superam os impedimentos que a criança encontra (VYGOTSKY, 2007, p.80).

Desse modo, o processo geral do desenvolvimento se dá a partir de uma influência mútua entre as funções psicológicas elementares e as funções psicológicas superiores. Vygotsky (2007) explica: as funções psicológicas elementares possuem origem biológica e as funções psicológicas superiores, social e cultural. A partir disso, observa-se o quanto o desenvolvimento está fortemente influenciado pelo meio em que o indivíduo está inserido. As influências externas estarão em contato com a formação biológica do sujeito e isso resultará no processo de desenvolvimento dele.

Junto a isso, a discussão trazida por Bomfim (2010) que busca romper com a dicotomia entre objetividade e subjetividade na construção dos espaços, nos ajuda a compreender como é importante que os espaços físicos sejam como uma extensão da identidade de quem os ocupa. Pois, a partir disso, nasce o afeto, a identificação e a apropriação dos espaços e, assim, é possível que o indivíduo seja refletido nele e vice-versa.

Com esses apontamentos, destaca-se a discussão de Sawaia (1999) sobre os afetos. Essa autora os aborda como uma categoria de análise das relações

de poder em uma sociedade, dentro principalmente dos processos de vulnerabilidade social. Essa atenção aos afetos demonstra que a preocupação com as pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade não é somente a sobrevivência, mas suas emoções, o que dá legitimidade para aquilo que afeta o indivíduo.

Essa discussão só é possível ao abandonar a ideia dual de que a afetividade prejudica o racional. Pois, por algum momento, a afetividade foi vista como uma categoria que causa desordem nas ciências humanas. Mas como estratégia, olhar ela positivamente, ajuda a negar a neutralidade das reflexões científicas sobre desigualdade social. Isso mantém ativa a capacidade de indignar-se diante da pobreza (SAWAIA, 1999).

É no sujeito que se objetivam as várias formas de exclusão, a qual é vivida como motivação, carência, emoção e necessidade do eu. Mas ele não é uma mônada responsável por sua situação e capaz de, por si só mesmo superá-la. É no indivíduo que sofre, porém, esse sofrimento não a gênese nele, e sim em intersubjetividades delineadas socialmente (SAWAIA, 1999, p. 98).

Dentro desse ponto de vista, é importante que a criança possa encontrar no seu lugar significados que a permitam o uso do ambiente para os seus processos de desenvolvimento. Desse modo, o ambiente será palco para a facilitação desse processo e a criança usará o seu sentir como um modo de compreender e usar o seu lugar. Como aponta Bomfim (2010, p. 52): “Ter como referência o sentir para compreender a cidade é estar implicado na experiência, no cotidiano, é ter o afeto, as emoções como palco mediador das construções e das descobertas.”

Além disso, é válido apontar que na medida em que é possível significar e sentir um espaço, é possível se apropriar e cuidar dele, como completa: “A forma como o habitante se implica na cidade já é um indicador da sua ação. Por isso, a afetividade é um indicador de ética e cidadania na cidade” (BOMFIM, p. 52, 2010).

Tendo em vista o citado, é válido destacar a história de formação do bairro Antônio Justa e todas as repercussões que urgem daí, pois é nesse ambiente, com essa história e cultura que acontece o processo de desenvolvimento dessas crianças. O bairro Antônio Justa iniciou sua formação por meio de movimentos de resistência da comunidade em luta contra os preconceitos, pois ele era ocupado

inicialmente por pessoas com hanseníase que foram compulsoriamente isoladas para tratamento. Desse modo, como a doença era muito estigmatizada, o bairro passou a ser coberto por preconceitos também (SILVA, 2016).

A partir da 3ª fase da pesquisa “Afetividade, Território e Políticas Públicas: Estima de Lugar de Usuários dos Centros de Referência em Assistência Social (CRAS) em Maracanaú – CE”, observa-se o quanto é frágil a estima de lugar dos moradores com o bairro, principalmente pela falta de acesso aos recursos básicos. Concomitantemente é destacado a marca do estigma que se perpetua no bairro desde a sua formação, pois embora tenha se desenvolvido, a marca da negligência e do esquecimento político ainda são fortes nesse lugar. Esses fatos dificultam ainda mais o bom encontro dos moradores com o seu lugar, pois como destaca Bomfim (2010, p. 68):

O grande desafio para garantir à cidade o *lugar do encontro* ou dos *bons encontros* é possibilitar ao cidadão o direito à não segregação e o direito de ser reconhecido como membro de uma comunidade, que tem acesso aos bens e serviços de uma sociedade e, ao mesmo tempo, pode decidir por ela. Compreendemos que o processo emancipatório na cidade pode ser entendido a partir de uma construção ética, política e afetiva.

Junto a esses apontamentos, cabe ressaltar o que Sawaia (1999) denominou de sofrimento ético-político com base em Heller ao discutir que o sofrimento é a dor medida pelas injustiças sociais, como estar submetido ao esquecimento social, político e econômico. Analisar então o modo como o ser sente e significam seus espaços é como tornar tangível os para processos políticos, econômicos e sociais que geram dor;

Paralelo a isso, quando Vygotsky (2007) destaca que o desenvolvimento se dá de modo dialético, entende-se que a relação do homem com o ambiente se configura a partir do momento que o homem modifica o ambiente e o ambiente modifica o homem. Assim, cada lugar deve imprimir a presença de quem o ocupa, assim como quem ocupa um lugar imprimir em si as nuances de um lugar. Essa ideia combina-se ao que Moser fala quando define a Psicologia Ambiental tratando-a como uma disciplina que estuda a pessoa no seu contexto em inter-relação e não só relação. Ou seja, cada pessoa cria efeito sobre o ambiente e cada ambiente também reflete um efeito sobre cada ser (MOSER, 1998). A partir desse entendimento sobre o desenvolvimento e da relação dialética entre o homem e o ambiente, destaca-se o

quanto é problemático a construção de um ambiente marcado por exclusão social e estigmas.

A partir disso, vemos ainda mais as repercussões estruturais e afetivas dos moradores de lugares que são inseridos em um contexto de exclusão social, como o Antônio Justa. Aqui cabe dar a importância social ao bairro, não deixando morrer sua história e as repercussões dela hoje para que assim seja possível a continuação de uma trajetória justa e consciente com o que passou e com o que é possível fazer e refazer no presente. Com isso, é de extrema importância que as crianças tenham consciência da história que as cercam para que elas se apropriem dos sentimentos e das estruturas do seu espaço e, assim, consigam se desenvolver em busca da emancipação da situação de vulnerabilidade em que elas são postas, pois as estruturas sociais de um bairro têm muito a dizer sobre ele, como é apontado: “Perguntar a uma pessoa de que cidade ela é, não a constrange tanto como perguntar em que bairro vive, porque, no último caso, há uma localização mais precisa de seu status social” (BOMFIM, p. 72, 2010).

Desse modo, é compreensível que “é no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções” (HORN, 2004 *apud* HANK, 2006). Além disso, é no contexto ambiental que “ela vivencia emoções que a farão expressar sua maneira de pensar, bem como a maneira como vivem e sua relação com o mundo” (HANK, 2006, p. 5). Assim, é possível entender que no espaço físico, a criança se estabelece, aprende e se desenvolve empregando seus afetos e emoções.

Por meio do Instrumento Gerador dos Mapas Afetivos (IGMA) é possível entender o modo como essas crianças se relacionam com o seu lugar. O IGMA foi criado como uma metodologia que busca alcançar o que é sentido. Desse modo, ele é preciso dentro de um processo que pretende tornar tangível o que é intangível. Dentro dele, a Estima de Lugar se torna uma categoria de análise que indica a implicação afetiva e a potência de ação da pessoa com o lugar (BOMFIM, 2010)

Como aponta Bomfim (2010), é um instrumento que busca a formulação de sínteses ligadas aos sentimentos, de forma menos elaborada e mais sensível. Então, como forma de acessar os afetos, o instrumento utiliza, por exemplo, desenho e a metáfora. O desenho e a metáfora, nesse caso, como aponta:

é a criação de uma situação de aquecimento para expressão de emoções e sentimentos e a escrita traduz a dimensão afetiva do desenho. As metáforas são recurso de síntese, aglutinadores da relação entre significados, qualidades e sentimentos atribuídos aos desenhos (BOMFIM, p. 137, 2010).

Além dessas questões, é importante destacar que a infância é reconhecida como uma construção histórica (ZANIANI; BOARINI, 2011), assim, é perpassada por diversas nuances sociais, econômicas e culturais. Por esse motivo, a discussão sobre isso é pertinente nesse trabalho tanto para entender a posição da infância dele, como para justificar sua construção, envolvendo a infância.

Tendo em vista as questões que permeiam isso, é válido salientar que há modos diversos de entender a infância. Dependendo do tempo, do lugar, da cultura e de outros fatores. Assim como destaca Philippe Ariès (1981), somente no século XX é que as crianças começaram de fato a serem consideradas como um grupo com especificidades de desenvolvimento, direitos e necessidades, por exemplo, antes elas eram vistas apenas como adultos menores. Desse modo, havia muitos prejuízos para elas.

Mesmo com lutas sociais e muito avanços legais alcançados como direito para as crianças, ainda são presentes muitos estigmas e lacunas. Isso pode resultar principalmente da desigualdade social e do processo de vulnerabilização que muitas crianças sofrem. Assim, é necessário considerar que o modo de viver a infância no Brasil é plural e assim como apontam Oliveira e Santos (2018), isso significa entender que não existe a infância e sim as infâncias.

Como aponta no art. 277 da constituição Federal de 1988, é dever não só da família, mas do Estado e da sociedade assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem direitos (BRASIL, 1988). Assim, tornam-se muito válidos trabalhos que deem voz às crianças. Esse é um ponto trazido no trabalho de Oliveira e Santos (2018) quando destacam a falta de visibilidade ao que as crianças têm a dizer sobre seu mundo, muitas vezes isso é declarado pelos adultos. Tendo em vista o que foi citado, fica reiterada a importância de buscar descrever como se dá a relação das crianças com o bairro Antônio Justa e as possíveis implicações que partem e surgem disso.

3 METODOLOGIA

Este estudo estrutura-se como qualitativo, tendo em vista o objeto de estudo que busca e analisa conteúdos mais profundos: significados, percepções, relações (MINAYO, 1994). É classificado como tipo descritivo, pois, assim como aponta Gil (2018), busca descrever características de um determinado grupo de pessoas, além de estabelecer possíveis nuances da relação entre esse grupo e o seu lugar. Para isso, será utilizado o Instrumento Gerador de Mapas Afetivos para a coleta de dados.

O estudo foi realizado com crianças do bairro Antônio Justa que estão vinculadas ao projeto do coletivo Antônio Justa, biblioteca Sonho Azul. Tendo em vista que já acontecem atividades com as crianças na biblioteca, foi feito um convite para que todas as sextas feiras às 15 horas, as crianças que desejarem, participassem dos encontros. Eles ocorreram seguindo os temas apresentados, com brincadeiras, atividades que direcionem a coleta de dados e encerramento com lanche.

Tendo em vista que o trabalho será feito com crianças, faz-se necessária uma adaptação da aplicação do IGMA. Os itens e categorias abordados pelos instrumentos foram divididos em temas mais gerais e trabalhados com atividades lúdicas que tinham o objetivo de facilitar o processo da coleta dos dados. Os temas ficaram dividido em dez encontros, sendo um para vinculação e outro para encerramento das atividades. Os outros sete encontros foram divididos nos seguintes temas: “identificação”; “desenhos, significados e sentimentos”; “caminhos com mapas cognitivos”; “qualidades”; “metáfora ou comparação”; “escala”; “troca intergeracional”.

O tema “identificação” foi um momento para trabalhar o item das características sociodemográficas a fim de saber alguns dados sobre as crianças. Nesse encontro foi utilizado a obra *Menina bonita do laço de fita* de Ana Maria Machado. A história conta sobre a identidade de uma menina e foi proferida para exemplificar para crianças que nós queríamos saber sobre eles também. Ao final, cada um fez um desenho para se representar e apresentou o desenho dizendo algumas características sobre si mesmo.

Figura 1: desenho produzido no encontro de identificação



Fonte: produzido pelos participantes da pesquisa.

Figura 2: desenho produzido no encontro de identificação



Fonte: produzido pelos participantes da pesquisa.

O tema “desenhos, significados e sentimentos” foi um momento para os itens: desenho, significado do desenho, sentimentos e palavras-síntese. Nesse encontro, o desenho serviu como meio para materializar e facilitar a expressão dos sentimentos das crianças sobre o lugar. O tema “caminhos com mapas cognitivos” abordou o item caminhos percorridos a fim de materializar e visualizar junto aos participantes suas trajetórias no ambiente em que vivem.

Figura 3: colagem produzida no encontro de "desenhos, significados e sentimentos"



Fonte: produzido pelos participantes da pesquisa.

Figura 4: pintura produzida no encontro de "caminhos com mapas cognitivos"



Fonte: produzido pelos participantes da pesquisa.

O tema “qualidades” se baseou no item “o que pensa da cidade” a fim de deixar um espaço para que a crianças expressassem o que pensa sobre o bairro em que vive. O tema “metáfora ou comparação” abordou o item “comparação da cidade” como meio para facilitar a criação de metáforas do bairro. O tema “escala” teve o objetivo de abordar as categorias da escala Likert que estão presentes no instrumento. Essa escala possuiu 5 opções de respostas: “discordo totalmente”, “discordo”, “nem discordo nem concordo”, “concordo” e “concordo totalmente”. Como o público era infantil, utilizamos caricaturas para representar cada um dos itens de resposta e facilitar a participação de todas as crianças.

Figura 5: caricaturas usadas como escala de respostas



Fonte: autoria própria.

O tema “troca intergeracional” teve o objetivo de levar um(a) morador(a) antiga que vive ou viveu o bairro para contar a história do lugar. Esse é um momento de reflexão após toda a coleta de dados do IGMA com as crianças. Como um modo de finalizar com a palavra de pessoas que experienciaram de forma viva a formação do lugar. Essa fase torna ainda mais a metodologia da pesquisa para além da coleta de dados, mas participativa e com objetivo de transformar a realidade. Esse modo de fazer pesquisa é identificado por **Sawaia como Pesquisa Ação**. Dentro desse estudo o estilo da pesquisa participante é o que ganha mais ênfase, pois se destaca a produção do conhecimento de modo coletivo e a importância é dada para pesquisar com a população e não sobre a população.

Como forma de organizar e analisar os dados, foi utilizada a análise de conteúdo. Ela é dividida em pré-análise, codificação e categorização. A pré-análise é o momento de leitura dos dados brutos que forem coletados, como os desenhos que as crianças produziram. A codificação é o processo de “transformação dos dados

Comentado [yc2]: COLOCAR CITAÇÃO

brutos em dados úteis”. A categorização visa a classificação para diferenciá-las e condensá-las no que for semelhante (BOMFIM, 2010).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

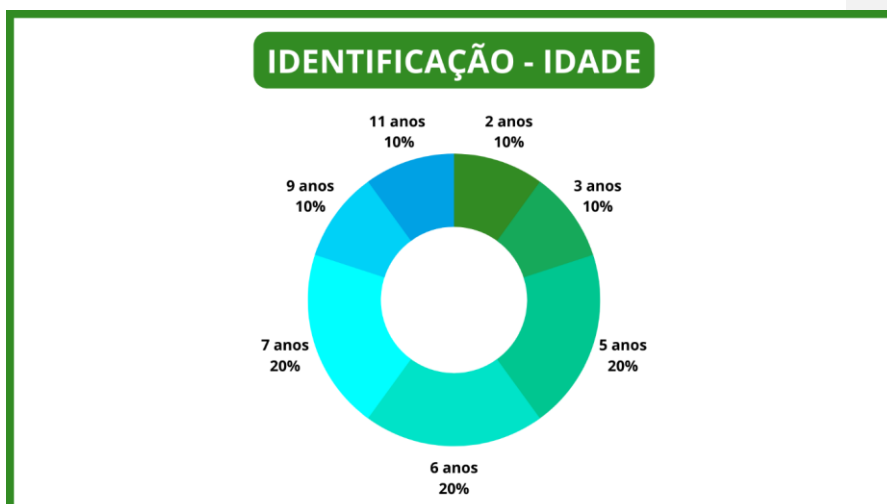
Para apresentar os dados e reflexões extraídas dos encontros, dividirei em tópicos. Serão eles: Caracterização da amostra; Desenhos, significados e sentimentos; Qualidades; Mapas Cognitivos; Metáfora e Escala.

4.1 Caracterização da amostra

A amostra final dos dados é composta por 20 participantes que estavam presentes durante os encontros. Vale ressaltar que esse número de pessoas não estavam presentes em cada encontro, pois variava, mas é a contagem final de crianças que contribuíram para essa pesquisa. Os dados que caracterizam a amostra foram colhidos no encontro de identificação. Eles serão a idade e a escolaridade de cada crianças.

No infográfico 1 é possível visualizar a amostra distribuída pela idade das crianças. São crianças entre 3 e 11 anos. A maioria está entre 5 e 9 anos.

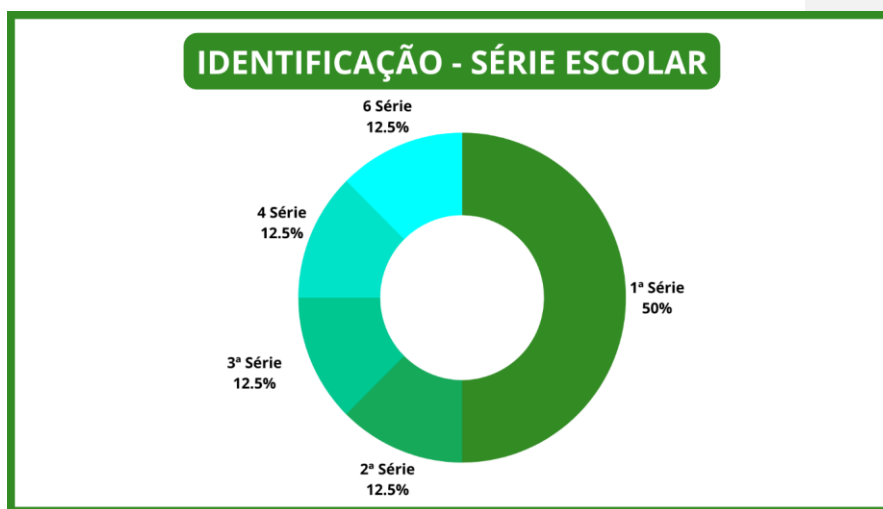
Figura 6: Identificação (Idade)



Fonte: autoria própria.

Outro dado usado para caracterizar o perfil da amostra é a escolaridade das crianças. Com base na figura 7, podemos observar que metade dos participantes estão na primeira série escolar, enquanto o restante se divide entre a segunda e sexta série.

Figura 7: Identificação (Série escolar)



Fonte: autoria própria.

A partir do encontro desenvolvido para coletar esses dados é possível observar que a idade cronológica e escolar não é um fator definitivo para definir o desenvolvimento infantil das crianças, pois algumas delas, com a mesma idade, não conseguiam desenvolver a mesma atividade. Desse modo, vemos como outras questões são de extrema importância para analisarmos o desenvolvimento de uma criança, como seu contexto social, acesso à educação e aos recursos básicos em geral. Esses apontamentos se alinham ao que Vygotsky constrói sobre o processo de desenvolvimento com base em uma visão dialética. (VYGOTSKY, 2007)

4.2 Desenhos e significados

Assim como afirma Bomfim (2010, p. 43), o desenho foi usado para facilitar a expressão das emoções acerca do bairro. Ele foi construído por meio de colagens e apresentado no final para que elas dessem a própria interpretação da produção. A partir da análise, foram estabelecidas as seguintes categorias para englobar os significados que os participantes destacavam acerca das colagens. Foram elas: lixo, natureza, empreendimentos, silêncio, casa e relações.

A categoria lixo foi apontada para englobar as questões relativas à sujeira que há nas ruas do lugar. A natureza remete aos animais, paisagens e ao aspecto rural que é muito presente no bairro e foi destacado por muitas crianças. A categoria dos empreendimentos se refere aos mercados, lojas e vendas destacados. O silêncio foi apontado por um único participante como algo presente no lugar, o que se liga ao aspecto rural do bairro e a falta de movimentação de carros e pessoas nas ruas. A casa é uma categoria que abrange questões particulares dos participantes, quando eles representam o bairro com algo do seu contexto familiar. A relações liga as amizades e parcerias familiares que eles trouxeram como destaque para representar o bairro.

Na figura 8 é possível ver a porcentagem de significados dados a cada desenho. A maioria interpretou o desenho a partir da categoria natureza e casa. Esses dados apontam para uma baixa representação do bairro como um espaço constituído e ocupado por ele. Isso destaca um baixo sentimento de pertencimento. O que fica ainda mais forte a partir do primeiro encontro, quando perguntamos o nome do bairro, mas apenas uma criança conseguiu responder.

Comentado [yc3]: Citar o quadro da andie sobre pertencimento

Figura 8: Desenhos e significados

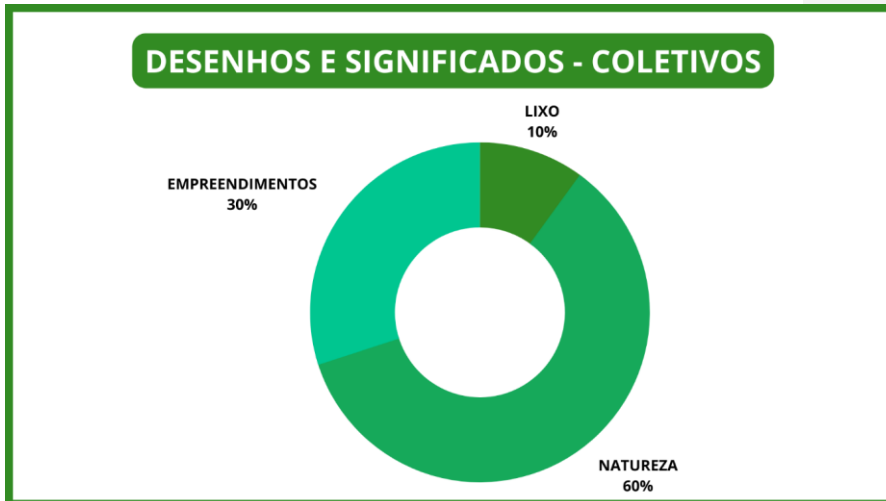


Fonte: autoria própria.

Em geral, é observado que as representações feitas do bairro não são ligadas às instituições públicas presentes nele nem à sua história ou outros aspectos próprios do bairro. Desse ponto, algumas representações são negativas, de animais que incomodam a população, como mosquitos e ratos. Além disso, combinam-se a incidência de lixo nas ruas que também é destacada por um dos participantes. Outra parte dos participantes não representa o bairro, mas as pessoas que gostam e aspectos da sua casa.

Na figura 9, podemos observar os significados coletivos relacionados aos desenhos, ou seja, aqueles que destacam aspectos do lugar que são observados e vividos para além da pessoa que o destacou. Em sua maioria, eles se referem aos aspectos rurais do bairro (animais na rua e árvores), que é algo inerente a ele, já que há uma falta de urbanização.

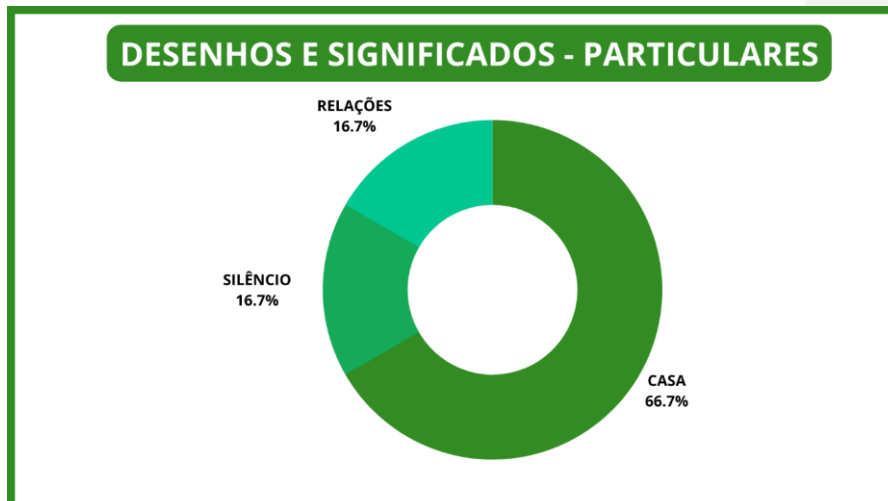
Figura 9: desenhos de significados (coletivos)



Fonte: autoria própria.

Na figura 10, é destacado os significados particulares, ou seja, aqueles que são vivenciados apenas por quem o destaca, como o que se refere à casa do participante. Esse foi o aspecto mais destacado, o que ajuda a reforçar a falta de pertencimento ao lugar e ao coletivo que já foi apontado acima. A relações são dentro do ciclo individual da vida do sujeito e o silêncio uma representação do bairro tida pelo respondente.

Figura 10: desenhos e significados (particulares)

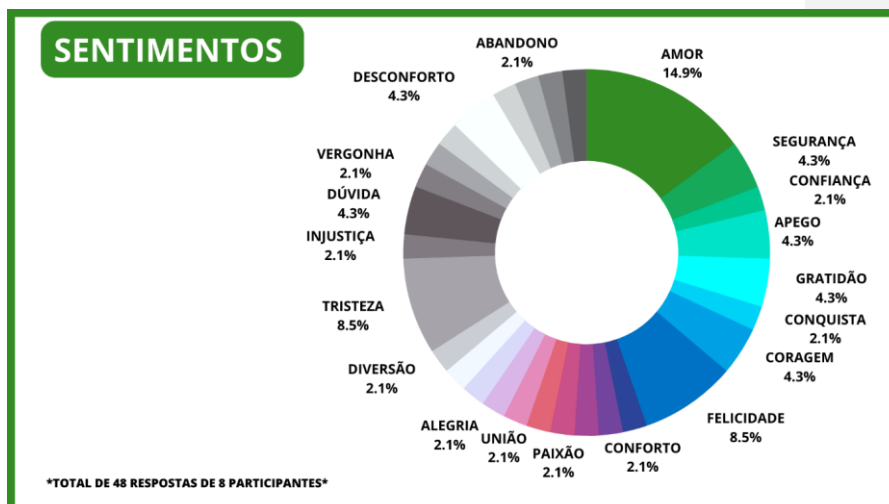


Fonte: autoria própria.

4.3 Sentimentos

Com relação aos sentimentos, cada participante apontou entre 6 e 7 sentimentos que estavam ligados ao desenho desenvolvido e ao bairro, assim como indica Bomfim (2010, p.144). Foram um total de 48 sentimentos destacados entre 8 participantes. Na figura 11 é possível observar a porcentagem de respostas para cada um dos sentimentos e o destaque para o amor. Contudo, é válido destacar que esse sentimento predominava na medida que se relacionava com a casa e as relações do participante e não com o bairro.

Figura 11: sentimentos



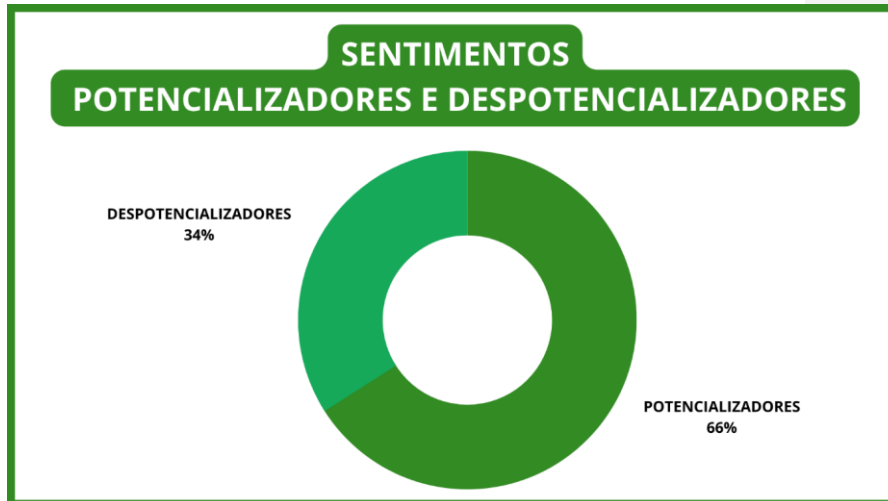
Fonte: autoria própria.

Os sentimentos destacados foram divididos entre potencializadores e despotencializadores, tendo como base a estima de lugar desenvolvida por Bomfim 2010. A estima de lugar com base no IGMA é construída por meio de uma escala. Ela possui 4 categorias: pertencimento, contrastes, agradabilidade e insegurança. Desse modo, os sentimentos potencializadores estão ligados à agradabilidade e ao pertencimento relacionados ao bairro. Enquanto os sentimentos despotencializadores estão ligados à insegurança.

Na figura 12 é possível observar a divisão feita dos sentimentos apresentados pelas crianças. Eles estarão divididos em porcentagem entre despotencializadores e potencializadores. Os potencializadores estão em maior porcentagem, sendo 66% das respostas, sendo eles ligados em sua maioria a vida particular dos participantes, como já destacado.

Comentado [yc4]: Ver artigo em inglês sobre a validação do instrumento, monografia da Andie

Figura 12: sentimentos potencializadores e despoticizadores



Fonte: autoria própria.

Na figura 13 há o destaque dos sentimentos potencializadores relacionados ao bairro (coletivos) e à vida particular do participante (particulares). Isso chama atenção, pois mesmo que sejam sentimentos que potencializem a ação do sujeito, não se referem a vida no bairro, mas dentro do seu núcleo familiar e de amizades. Não foi feita essa divisão com os despoticizadores, pois todos se referiram ao bairro. Tendo como base a afetividade discutida por Sawaia, entendo que esses afetos são indicadores do descompromisso Estatal com o sofrimento humano (Sawaia, 2011).

Figura 13: sentimentos potencializadores (particulares e coletivos)



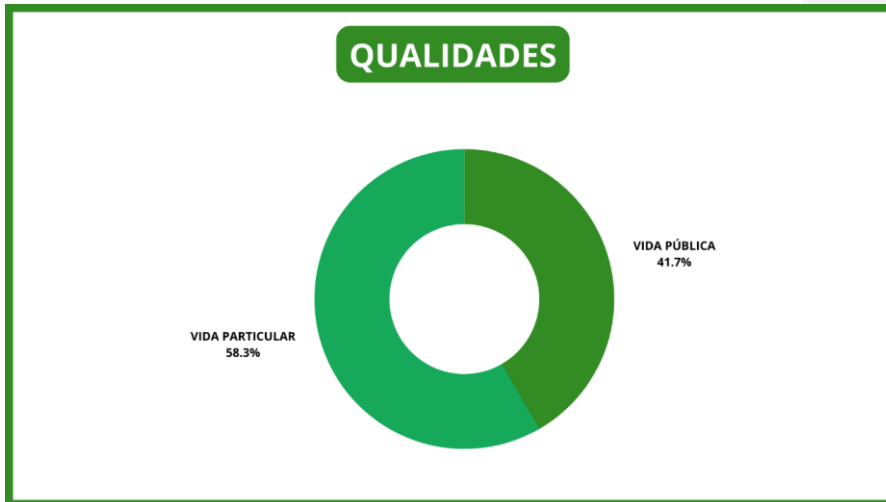
Fonte: autoria própria.

4.4 Qualidades

Esse item, assim como desenvolve Zulmira (2010), dá espaço para que as crianças elaborem junto a nós o que elas pensam sobre o lugar que moram de forma falada e não mais desenhada, pintada etc. Desse modo, usamos a pergunta disparadora em uma brincadeira de jornalismo: “O que você acha do bairro que mora?”

De modo geral, a maioria das crianças teve facilidade de falar nessa atividade, mas muitas não trouxeram os aspectos do bairro em si, mas questões mais relacionadas à vida particular, o que circunscreve as suas relações de amizades e à casa. Quando trazem questões do bairro, apontam muito para a natureza do lugar (animais e árvores) e para os buracos nas vias e o lixo nas ruas. Na figura 14 é possível observar as qualidades que foram destacadas em relação à vida particular e à vida pública.

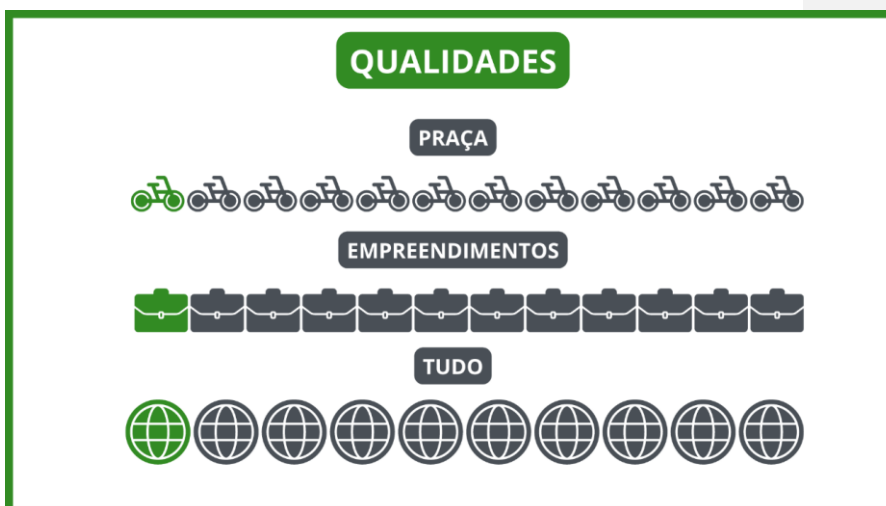
Figura 14: qualidades



Fonte: autoria própria.

Nas figuras 15 e 16 é possível ver a categoria de coisas que são apontadas pelos participantes. Assim, é visto que a maioria traz como qualidade as brincadeiras com os amigos e os aspectos naturais do lugar.

Figura 15: qualidades



Fonte: autoria própria.

Figura 16: qualidades

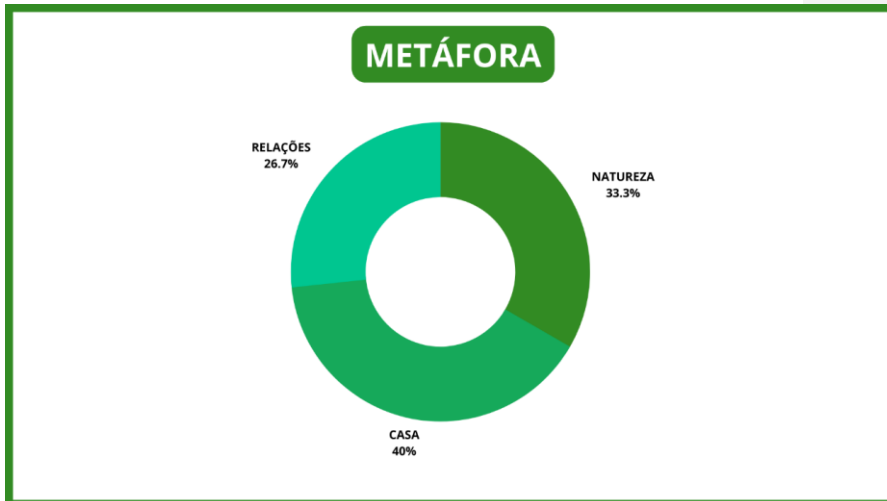


Fonte: autoria própria.

4.5 Metáfora

Nesse encontro foi proposta a atividade para produzir um desenho de algo que eles pudessem comparar com o bairro. Desse modo seria construída a metáfora de cada um deles. De maneira ampla, as comparações se centraram na natureza do lugar, nas relações interpessoais que são positivas e ao entorno das suas próprias moradias individuais. Não há apontamento de espaços coletivos no bairro ou de aspectos que escapem a vida privada de cada um.

Figura 17: metáfora



Fonte: autoria própria.

4.6 Mapas Cognitivos

Mapas cognitivos faz parte da subdivisão dos caminhos percorridos que é, como afirma Bomfim (2010), a descrição dos caminhos mais frequentemente percorridos por um determinado sujeito. Assim, foi sugerido que as crianças, usando tecido e tinta, pintassem o caminho de casa até o IAJ.

A partir do encontro, observamos que as crianças possuem pouca representação do bairro, referenciando, na maioria das vezes, o entorno de suas casas, restringindo-se elas a ambientes mais particulares. Contudo, o encontro foi positivo para facilitar a imaginação sobre os detalhes nesses caminhos percorridos. Dessa forma em geral, os objetos representados se assemelham bastante entre as pinturas. Sendo assim, os objetos mais representados foram: as ruas, as áreas verdes do bairro e o IAJ. Não houve destaque de instituições públicas ou outros espaços compartilhados. Isso pode se dar pela proximidade da moradia dos participantes ao IAJ ou a falta desses equipamentos na comunidade.

Comentado [yc5]: Esclarecer que O conceito e a aplicação são obra de Kelvin Lynch e foram inspiração para o desenvolvimento dos mapas afetivos.

Figura 18: mapas cognitivos



Fonte: produzido pelos participantes da pesquisa.

Figura 19: mapas cognitivos



Fonte: produzido pelos participantes da pesquisa.

4.7 Escala

São itens apresentados para obter respostas de 0 a 5, que varia de muito triste a muito feliz. A aplicação desse instrumento tem como objetivo ajudar no medir da relação das crianças com o bairro. Para isso, adaptamos de forma lúdica a escala de respostas, trocando os números por placas com expressões. Elas foram entregues a cada criança, com o objetivo que elas levantassem a placa que melhor correspondesse com a sua opinião em relação ao item apresentado. Assim, ao invés de ser uma aplicação individual, fizemos uma aplicação em grupo com elas. Porém, a aplicação não teve sucesso, pois não conseguimos que elas se mantivessem entretidas por muito tempo na atividade. Isso se deu provavelmente em razão da quantidade e da complexidade dos itens. Dessa forma, dos mais de 40 itens, só conseguimos aplicar 25 ao longo de dois encontros, pois as crianças começaram a se chatear. Sendo assim, não conseguimos dados válidos suficientes com a escala em questão.

Comentado [yc6]: citar o capítulo de validação da escala para dar mais noção do que ela é.

4.8 Troca Intergeracional

A troca intergeracional foi um encontro em que uma antiga moradora do bairro foi convidada para compartilhar com as crianças a história do bairro em que elas moram. Ela pôde de uma forma bem rica contar sua experiência como moradora e expor para as crianças a história que muito provavelmente elas nunca ouviram. Esse momento se tornou muito rico, pois possibilitou tornar tangível algo que era intangível para aquelas pessoas. Aproveitamos esse momento para fazer um mural dos trabalhos que foram desenvolvidos pelas crianças e para finalizarmos o ciclo de encontros que ocorreram ali.

Comentado [yc7]: Fotos dos encontros que já são públicas no instagram do instituto

5 CONCLUSÃO

A partir do objetivo deste estudo de descrever como é a relação das crianças do bairro Antônio Justa com seu território, é possível reiterar a importância dos seguintes pontos: da utilização da afetividade como uma categoria de análise dentro das ciências humanas; da análise da relação das pessoas com seu território, como meio de entender os processos de vulnerabilização que os moradores vivenciam e, por fim, de entender o processo de desenvolvimento dentro do contexto de precarização das condições de vida em um bairro.

A partir da utilização do IGMA como método disparador dos afetos das crianças em relação ao seu território, é possível identificar que a maioria das respostas trazidas pelas crianças são relacionadas com os aspectos particulares da vida delas, como o lar e as relações familiares e de amizade. Somado a isso, 19 das 20 crianças que participaram das atividades, não sabiam o nome do bairro. Elas não traziam na fala lugares públicos de convivência, como praça, campos de futebol nem mesmo a escola.

Junto a isso, analisando a história do bairro e os processos de vulnerabilização que vêm acontecendo ao longo do tempo, fica aparente o esquecimento político, social e econômico com esse território. Além disso, o quanto há um esquema de silenciamento do bairro como um território que tem história e é habitado por moradores com direitos que são negligenciados. Assim, é possível observar como a afetividade pode ser um caminho para que as crianças tenham oportunidade de se colocar como pessoas de direito dentro de um lugar, ajudando na denúncia de situações de insatisfação.

Paralelo a essa discussão, entendendo o desenvolvimento como um processo dinâmico, é possível revelar que denunciar essas questões por meio dos afetos é muito mais do que se indignar diante do esquecimento político, mas destacar que se desenvolver em um ambiente que possui diversos aspectos desrespeitados, é também negligenciar as possibilidades dessas crianças se desenvolverem da forma como elas precisam e têm direito.

Com base nos dados, apesar da parte quantitativa do instrumento (escala Likert) não ter tido sucesso no seu objetivo de estabelecer a estima de lugar dessas crianças, é possível concluir, com a investigação qualitativa, que essa relação com o território aponta para a estima de lugar despotencializadora. Essa conclusão se baseia nos seguintes pontos: a maioria das respostas positivas destacadas são em relação a casa e as relações dessas crianças, enquanto as respostas negativas são em sua maioria para os aspectos propriamente do bairro, mais precisamente ligados à higiene do lugar e à insegurança. Esses resultados demonstram a necessidade de os poderes políticos cumprirem com a obrigação de garantir o direito dessa população.

Ainda, destaco a dificuldade de aplicação do instrumento com o público infantil e mais precisamente com crianças que estão na primeira infância (0 a 6 anos), mesmo com a adaptação feita. Por essa dificuldade foi possível ter sucesso apenas com os dados qualitativos do instrumento, a sua parte complementar que é quantitativa não foi obtida, como já destacado. Isso pode ser levado em consideração para estudos futuros que utilizem esse instrumento com o público citado.

Como estratégias de aprimoramento, indico a construção de estudos que possam alcançar o público infantil do bairro citado, aplicando o instrumento completo para se concluir a lacuna que esse estudo não pôde dar conta. Essa é uma opção para que se construam conhecimentos ainda mais sólidos que amparem essa população na luta pelos seus direitos.

Por fim, concluo que esse estudo é muito mais do que uma construção acadêmica que se limita aos muros da universidade, mas uma estratégia que participa da reafirmação e reivindicação de direitos que são reiteradamente negados às populações que vivem em territórios submetidos a situações de vulnerabilidade. Desse modo, espero que o trabalho possa ser usado na prática como estratégia para o alcance desses direitos.

REFERÊNCIAS

- ANPED. Inserção social: em busca de sentidos e indicadores para a avaliação da Pós-Graduação na área da Educação. In: **SEMINÁRIO O SISTEMA DA AVALIAÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIRA**, 2., 2018, Belo Horizonte. Rio de Janeiro, Anped, 2018. Disponível em: https://anped.org.br/sites/default/files/images/gt_insercao_social.pdf Acesso em: 27 out. 2022.
- ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: livros técnicos e científicos, 1981.
- BRASIL. Constituição 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 30 jun. 2022.
- BOMFIM, Z. A. C. **Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo**. Fortaleza: UFC, 2010.
- HANK, V. L. C. H. **O espaço físico e sua relação no desenvolvimento e aprendizagem da criança**. Brasil Escola, 12 de abr. de 2006. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/o-espaco-fisico-sua-relacao-no-desenvolvimento-aprendizagem-.htm>. Acesso em: 29 de mar. de 2022.
- HELLER, A. **Teoría de los sentimientos**. Madrid: Editorial Fontamarc, 1979.
- SAWAIA, B. Exclusão ou inclusão perversa? In : **As artimanhas da exclusão : análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Bader Sawaia (Org.), Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- LANE, Sílvia T. Maurer. **O que é Psicologia Social**. 1 ed. São Paulo: brasiliense, 1981.
- MOSER, Gabriel. Psicologia Ambiental. **Estud. Psicol.** (Natal), Natal, v. 3, n. 1, p. 121-130, jun. 1998.
- MOSER, Gabriel. **A Psicologia Ambiental: competência e contornos de uma disciplina**. Comentários a partir das contribuições. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 16, n. 1 a 2, p. 279 a 294, 2005.
- OLIVEIRA, A. R. C.; SANTOS, H. F. **Uma viagem à construção da infância numa perspectiva da Psicologia Social Crítica: uma revisão de literatura**. Lapiage em Revista (Sorocaba), vol. 4, n.1, jan.-abr. 2018, p. 38-49.
- SILVA, Jaqueline de Aquino. **O bairro Antônio Justa em Maracanaú-CE e sua ressignificação social: a produção do espaço urbano a partir da demanda do**

mercado. 2016. 127 f. TCC (Graduação) – Curso de Serviço Social, Faculdades Cearenses, Fortaleza, 2016.

VIGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZANIANI, E. J. M.; BOARINI, M. L. **Infância e Vulnerabilidade: repensando a proteção social**. *Psicologia e sociedade*, 23 (2): 272-281, 2011.